

JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS

O MÁGICO
de Auschwitz

romance



gradiva

Excerto do Capítulo X (parte I)

Um guincho metálico, sinal de que o altifalante acabava de ser ligado, levou os soldados da Divisão Azul a erguerem as cabeças das trincheiras e dos *bunkers*. Não havia quem não reconhecesse o som, pois já se tornara uma rotina matinal na frente de Leninegrado.

“Olá!”, soltou Francisco, parando de limpar a sua MP 40 para perscrutar o setor inimigo. “Vêm aí discos a pedido...”

Como em resposta, o ar encheu-se com uma voz familiar ao altifalante.

“*Buenos dias, españoles*”, cumprimentou a voz. “*En honor a la gloriosa batalla de Stalingrado, verdadero cementerio de alemanes, esta mañana vamos a escuchar la canción preferida de Stalin.*”

De imediato soaram os acordes e ouviu-se um coro a cantar *Kalinka*, evidentemente uma gravação.

Kalinka, kalinka, kalinka moya!
V sadu yagoda malinka, malinka moya!
Hej! Kalinka, kalinka, kalinka moya!
V sadu yagoda malinka, malinka mo...

Irritado, o soldado Morlán abriu fogo de metralhadora e varreu as linhas russas, abafando a canção com rajadas sucessivas.

“Cessar-fogo!”, gritou o capitão Ulzurum. “Cessar-fogo!” Morlán suspendeu o tiro.

“Foste tu outra vez, Morlán?”

“*Sí, mi capitán.*”

“*Coño!*, quantas vezes tenho de te dizer que não respondas a estas provocações?”

“*Sí, mi capitán.*”

Os homens nas trincheiras sorriram; já conheciam aquela conversa quase de cor; repetia-se sempre que o altifalante russo se punha a debitar.

“Se voltares a desobedecer dou cabo de ti, *cabrón!*”

“*Sí, mi capitán.*”

Nada daquilo, nem a música, nem a voz inimiga em espanhol, nem a altercação entre o capitão Ulzurum e o soldado Morlán, constituía novidade para os soldados da Divisão Azul. Desde que a segunda companhia do batalhão 250 da Reserva Móvel se instalara na ala esquerda do setor de Krasny Bor, uma povoação diante de Leninegrado, que os russos não cessavam as provocações. Os espanhóis, em particular o soldado Morlán, respondiam a tiro, para desespero dos oficiais, sempre preocupados com poupar as preciosas balas e não denunciar posições. Mas as provocações eram mais fortes do que os nervos de Morlán, um falangista dos quatro costados que não suportava a propaganda comunista. O inimigo voltara altifalantes para os sitiados e periodicamente apresentava um boletim informativo, umas vezes em alemão, outras em castelhano. Os russos iam dando notícias derrotistas sobre o que se passava na retaguarda alemã e noutros setores da frente, sobretudo em Estalinegrado, onde a Wehrmacht e o Exército Vermelho estavam nesse momento enlaçados num abraço de morte.

Em certas ocasiões, contudo, os russos preferiam passar música em altos berros. Punham canções mexicanas, como *Allá en el rancho grande* e *Vuela, vuela, palomita*, e também folclore russo. Não se podia negar que a ideia animava as linhas e conferia um ambiente surreal de *fiesta* à zona da frente. Nessa manhã, a escolha dos russos pelos vistos recaíra na *Kalinka*, ao som da qual, sentado na trincheira ao lado de Juanito, Francisco recomeçou a limpar a MP 40.

“O que achas?”, quis saber o português. “Este tipo do altifalante é mesmo espanhol ou é um russo que fala bem espanhol?”

“É espanhol”, foi a resposta pronta do amigo, entretido com um cigarro que enrolara minutos antes. “Não vês a maneira de falar?”

“De que região?”

O sargento exalou uma baforada.

“Andaluzia.”

“Não noto sotaque nenhum.”

“*Hombre*, os cês e os zês são diferentes. E engole os dês. Noutra dia, quando começou a gozar connosco por causa do rancho que nos dão, em vez de dizer *pescado* disse *pescao*.”

“Os andaluzes falam assim?”

Juanito aspirou mais uma baforada.

“Até a falar são preguiçosos.”

O português calou-se, voltando a concentrar-se na limpeza da sua MP 40, a Maschinenpistole 40 que a Wehrmacht distribuíra aos homens da Divisão Azul. Adoraria usá-la numa surtida, melhor ainda se fosse numa grande ofensiva que o tirasse daquele buraco, mas desde que ali chegara com os seus camaradas, em outubro de 1942, limitara-se a segurar terreno. A verdade é que as forças alemãs já tinham esgotado o avanço pela Rússia e passado para a defensiva. Não só Leninegrado não caíra como parte importante da Wehrmacht se envolvera mais a sul no pântano urbano de Estalinegrado, cidade do Volga com um nome simbólico que a tornara o epicentro inesperado de um braço-de-ferro entre as duas partes.

Poderia pensar-se que a situação de Estalinegrado nada tinha a ver com a de Leninegrado, mas o setor de Krasny Bor, onde Francisco e a Divisão Azul se encontravam, depressa sofreu as consequências deste brusco volte-face, com alemães e espanhóis a cavarem posições para resistir a qualquer tentativa soviética de

romper o cerco. Para os soldados ibéricos a vida tornara-se uma agitada rotina defensiva. O batalhão 250 entrincheirara-se numa meseta coberta de neve, no cruzamento entre o rio Ishora e o subúrbio industrial de Kolpino, e aguardava novas ordens.

Da esquerda de Kolpino, quase paralela ao rio Neva, vinha uma estrada que fazia a ligação entre Leninegrado e Moscovo, e cabia à Divisão Azul assegurar que o inimigo não passaria por ali. Os dias eram vividos a trabalhar, cavando buracos, reforçando trincheiras, melhorando *bunkers*, estendendo lonas, sempre a preparar a batalha que não havia meio de ocorrer. A espera prolongava-se, acentuando um desconforto que foi tomando conta dos soldados. A solidão.

Do velho samovar jorrou um fio líquido negro e aromático que prontamente aqueceu a chávena de Francisco. Os alemães chamavam café à mistela que enchia a chávena, mas o português, que conhecia o café do Brasil, de Angola e de Timor, habituais na sua pátria, só tinha vontade de atirar aquela zurrapa à cara dos fornecedores da Wehrmacht.

“Que tristeza”, resmungou, espreitando o líquido com uma expressão de desalento. “Como se atrevem os Fritz a chamar café a esta bosta?”

“*Hombre*, é café *Ersatz*. Uma imitação feita a partir de bolotas.”

“Café merda, é o que é.”

Ao seu lado, Juanito parecia tão desconsolado como ele. A diferença é que o espanhol, embora amante do café da Colômbia, era mais paciente. Resignando-se, o português sorveu um trago. Que remédio tinha ele. Por muito mau que fosse, e era, o café *Ersatz* alemão ao menos vinha quente, o que, considerando o clima da região de Leninegrado, o tornava precioso. Além do mais, os permanentes bombardeamentos noturnos dos

russos impediam que nas linhas se dormisse mais de três horas seguidas, o que produzia o seu efeito na Divisão Azul. Se não fosse o café, mesmo *Ersatz* e intragável como aquele, não se manteriam acordados.

Depois de sub-repticiamente meter ao bolso um saquinho de café *Ersatz*, pois talvez precisasse de aquecer uma chaleira nas trincheiras, Francisco fez sinal ao amigo e deu meia volta. Ao saírem da tenda chocaram com um soldado que aparecera a correr, derrubando as chávenas e espalhando o líquido negro quente pelo chão.

“Cuidado!”, protestou Francisco. “Deste-me cabo do café, grande camelo!”

Olharam para o soldado e perceberam que se tratava do sargento Gómez, outro legionário de Dar Riffien.

“*Hombres*, andava à vossa procura!”, disse o recém-chegado, levantando-se e sacudindo a farda. “Desculpem o cafezito, mas estão preparados para entrar em ação?”

“*Coño!* Vamos atacar os russos?”

“As russas, *hombre*. As russas.”

“Quais russas?”

Gómez inclinou-se para Juanito, o olhar carregado de subentendidos.

“O Rolf esteve à conversa com um tipo da Wehrmacht e contou-me que há por aí umas meninas que, bem conversadinhas, até se põem de joelhos e rezam o terço.” Consultou um papel que trazia na mão. “São as irmãs Tsuko... uh... Tsukanovas.”

Juanito alçou o sobrolho.

“Irmãs... *Coñokovas?*”

Sem perceber o trocadilho, Gómez verificou a anotação.

“*Tsukanovas.*”

“Quando dizes irmãs... estás a falar de freiras?”

“A missa das manas é outra. Que tal fazermos-lhes uma visitinha para celebrar a eucaristia?”

Francisco e Juanito trocaram um olhar.

“E... e são boas?”

O sargento Gómez encolheu os ombros.

“*Hombre*, sei lá!”, devolveu com uma ponta de impaciência. “No estado em que ando marcha tudo! *Caray!*, sou até capaz de me agarrar a uma velhota qualquer e achar que é a Mae West!”

Os três riram-se, pois todos os homens da Divisão Azul se sentiam naquele estado.

“*Ay, coño!* Quando pergunto se são boas quero saber se são bondosas. Pois se estamos a falar de freiras...”

A galhofa prosseguia, mas foi o português que pôs fim à conversa. Dando uma palmada nas costas dos companheiros, Francisco empurrou-os para a frente.

“Vamos lá às Conakovas, camano!”

Excerto do Capítulo I (parte III)

Havia já dois dias que os Levin, como todos os deportados que enchiam o vagão, não viam luz. A exceção era a ténue clareza do dia que penetrava pelas frinchas das tábuas e quatro pequenas aberturas para o exterior protegidas por arame farpado. Os olhos tiveram de se habituar à treva absoluta durante a noite e à semiescuridão de dia.

Parecia a Levin absolutamente incompreensível que os alemães tratassem pessoas daquela maneira. Era a segunda viagem que faziam como deportados e não tinha qualquer comparação com a primeira. A viagem efetuada meses antes de Praga até Theresienstadt fora dura, onze horas fechados

numa carruagem de passageiros sem nada para comerem não era normal, mas dir-se-ia um passeio de luxo ao pé do que se passava na nova deslocação. Não só estavam ali umas sessenta pessoas fechadas às escuras havia já dois dias, as portas trancadas por cadeados exteriores, como a composição em que dessa feita os meteram no famoso transporte para leste era formada por vagões para gado. Vagões para gado! Os alemães tinham fechado homens e mulheres, incluindo idosos, doentes e crianças, em vagões para gado!

As crianças choramingavam a toda a hora, no início com grande intensidade e nas últimas vinte e quatro horas já com fraqueza, enquanto os doentes gemiam. Toda a gente tinha sede e fome. Fazia um frio incrível, pois era inverno. O calor gerado por toda aquela massa de gente comprimida era a única vantagem que havia em estarem fechados durante tanto tempo no vagão.

“Vovó?”

A voz da rapariga soara algures da esquerda, no meio da massa de gente que se acotovelava no vagão, arrancando Levin aos seus pensamentos.

“Deixa, Zdanka”, murmurou alguém. “A vovó já não está entre nós...”

“Vovó?!”

Os soluços da rapariga foram acolhidos com um silêncio pesado entre os deportados. Tratava-se da segunda morte no vagão desde o início da viagem. Preocupado com o moral da família, Levin espreitou o filho, aninhado aos seus pés; adormecera meia hora antes, quando ele lhe cantara uma das suas canções favoritas em ladino, e a dormir continuava. A seguir olhou para Gerda e viu-a igualmente exausta; dir-se-ia que dormia de pé. Pelos vistos não se aperceberam da morte da idosa e parecia-lhe melhor assim. A prioridade naquele instante era descansar. Com o vagão tão apertado, não havia lugar

para todos no chão e os ocupantes só se sentavam alternadamente. Aquela vez não era a dos Levin. Felizmente havia as pequenas aberturas entre as tábuas. Elas possibilitavam que se deitassem coisas fora e, além de deixarem entrar ar, permitiam perceber em que sentido ia a composição. Pela posição do Sol confirmou-se que de facto se dirigiam para leste. Tinham já passado por Praga e por Ostrava e nas últimas horas cruzaram estações com tabuletas em polaco.

Por vezes o comboio parava numa estação, embora as portas permanecessem fechadas, ou no meio do campo, e ficava aí imóvel durante horas. A maior parte das vezes, todavia, eram os outros comboios que ficavam parados à espera que a composição de Theresienstadt passasse, em certos casos com os vagões carregados de tanques ou de outro material militar destinado à frente russa. Pelos vistos o seu comboio tinha prioridade até sobre as composições envolvidas no esforço de guerra. Como era possível que um mero transporte de judeus fosse para os alemães mais importante do que os abastecimentos destinados às tropas?

Havia já algumas horas que Levin sentia o ventre apertar. Apesar do esforço para reter os intestinos, percebeu que não aguentaria muito mais. Em bom rigor, a sua resistência chegara ao fim. Ou se aliviava no próximo minuto ou fazia tudo ali à frente da família. Sem alternativa, enfiou-se pela massa compacta de gente e tentou abrir caminho.

“Faz favor”, pediu. “Dá licença?”

“Cuidado, idiota!”

“Veja lá onde põe os pés!”

A viagem estava a deixar os deportados com os nervos no limite e a paciência não abundava; a menor contrariedade provocava reações de grande indelicadeza.

“Peço desculpa, mas preciso de passar.”

“Onde raio pensa o senhor que vai?”

“Tenho urgência em usar o... o balde.”

A resposta esclareceu toda a gente. Apesar de comprimidos uns contra os outros como molhos de espargos, os viajantes em redor empurraram-se e, embora a resmungar, lá arranjaram maneira de abrir alas e de o deixar passar. Ultrapassada a parte mais compacta, o espaço alargou e o fedor tornou-se nauseabundo; era a zona onde se encontrava o balde e que os deportados evitavam.

Quando chegou ao pé do balde, Levin atirou um olhar enojado para o interior; havia fezes até a cima. Sentiu vontade de vomitar e arrependeu-se de ter adiado tanto tempo a visita ao balde, pois se tivesse vindo mais cedo tê-lo-ia encontrado ainda vazio. Naquele momento era tarde. Olhou em redor, em busca de alternativas, mas elas não existiam; a menos que escolhesse fazer no chão, claro. Não havia maneira de evitar o recipiente. Resignando-se, baixou as calças e, no meio de toda aquela gente, acorrou-se sobre o balde imundo, evitando tocar com as nádegas nas bordas sujas. Nem precisou de fazer força para libertar os intestinos. As fezes deslizaram de imediato e ouviu-as cair sobre as que enchiam o balde com um som de viscosidades a misturarem-se. Não levou mais de vinte segundos. Logo que se aliviou, e não tendo nada a que se limpar, endireitou-se e puxou as calças. Sentia-se melhor, embora imundo e humilhado. A única consolação é que todos os que iam no vagão haviam virado as costas para lhe oferecer privacidade.

A verdade é que ninguém ali tinha culpa do que se estava a passar. Na estação de Theresienstadt os SS haviam-nos enfiado no vagão apenas com dois baldes, este para as necessidades e outro cheio de água, e ainda um pão para cada pessoa.

Fora com isso, e apenas com isso, que tinham vivido ao longo dos três últimos dias.

“Ó amigo, olhe que o balde já está cheio”, constatou uma das pessoas mais próximas quase em tom de censura. “Tem de o despejar.”

Era verdade que não cabiam mais fezes no recipiente. As regras não escritas do vagão atribuíam ao último utilizador o dever de o esvaziar. Isso significava que essa responsabilidade recaía sobre Levin. Sempre resignado, segurou o balde pela pega suja, borrando a mão com as fezes, e sustendo a respiração levou-o para uma das janelas minúsculas. Apesar de apertadas, as pessoas abriram alas até com mais eficiência do que quando ele para ali fora. Depois de virar a cabeça momentaneamente para trás, para ganhar fôlego, susteve a respiração e levantou o balde. Apesar de a abertura estar protegida por arame farpado, despejou o conteúdo para fora, tendo o cuidado de o fazer para trás no sentido do movimento da composição, não fosse o vento devolver-lhe os excrementos para a cara.

Quando terminou voltou ao canto do vagão que por comum acordo correspondia ao espaço das latrinas e pousou o balde. A seguir regressou para junto da família na esperança de que as fezes nas mãos e na roupa não fossem demasiado pestilentas. A mulher acolheu-o com um sorriso forçado. Queria consolá-lo, como se lhe dissesse que estava tudo bem e que não tinha de ter vergonha de nada.

“Não apanhaste nenhum alemão?”

Levin apreciou a tentativa.

“Desta vez não.”

A pergunta dela arrancou alguns sorrisos ténues em redor, uma vez que constituía uma referência a um episódio inusitado, e inesquecível, ocorrido ainda na véspera. Desde que o balde começara a ser utilizado que as pessoas no vagão se limpavam

com um papel castanho que alguém trouxera de Theresienstadt para embrulhar a comida. O problema é que, à custa de tanta utilização, não foi apenas o balde que se tornou imundo; o papel castanho também. A folha ficou de tal modo suja que deixou de ter qualquer utilidade. Assim sendo, numa ocasião em que o comboio parara numa estação, alguém a atirou para fora. O interessante é que um soldado alemão, de capacete e espingarda com baioneta, intrigado com aquela massa estranha que viu no chão e que não reconheceu, teve a brilhante ideia de lhe espetar a baioneta e a seguir pegar nela com as mãos.

O relato do sucedido pelos poucos passageiros que espreitavam pela pequena abertura e assistiram à cena espalhou-se como um incêndio pelo vagão e constituiu o único momento de felicidade ao longo da viagem interminável.

A noite já caíra duas horas antes e estavam mergulhados na escuridão total quando a voz da mulher percorreu o vagão, entoando uma velha canção infantil para embalar a filha de cinco anos.

*Eine rosa Krinoline
kauf ich dir, mein Kind,
wenn wir...*

De repente sentiram o comboio abrandar e a mãe calou-se. Todos ficaram subitamente atentos, tentando perceber o que se passava. Como estavam habituados à treva absoluta, a menor luz permitia-lhes destringir silhuetas, e os que ocupavam os lugares junto às pequenas aberturas conseguiam vislumbrar indicações acerca do espaço exterior.

“Luzes!”, exclamou um dos deportados à janela. “Estamos a chegar a uma estação!”

Ouviram o guincho característico da travagem e a composição voltou a perder velocidade. Momentos depois rolava já devagar, quase como se bufasse de exaustão. Uma claridade passou pelas frinchas entre as tábuas do vagão, rasgando a escuridão total que os envolvia desde que três horas antes a noite caíra. O comboio sacudiu-se com um estremeção final e por fim imobilizou-se. Fez-se um silêncio expectante dentro do vagão.

“O que se passa?” , perguntou alguém. “Onde estamos?”

“Num lugarejo qualquer”, confirmou uma pessoa junto a uma das janelas. “Mas não vejo tabuletas, não consigo perceber que sítio é este. Apenas se veem luzes. Muitas luzes.”

Aguardaram em silêncio. Ao longo dos últimos dias haviam parado em várias estações e apeadeiros e voltado a partir sem que nada de especial tivesse acontecido. Pareceu-lhes que estavam numa situação dessas. A crer no padrão dos últimos dias, o mais certo era daí a algum tempo a composição retomar a marcha. Sentiam-se exaustos, esfaimados e com muita sede. Já haviam morrido dois idosos no vagão e queriam sair dali. Nada podia ser pior do que aquele maldito comboio.

Escutaram vozes e ouviram cães a ladrar. Aguçaram a atenção e perceberam que se gritavam ordens em alemão, embora dentro do vagão não fosse possível entender o que era dito. Subitamente ouviram um som metálico e perceberam que a porta estava a ser destrancada. Fez-se um claque final e uma curta pausa.

“E agora?” , sussurrou Gerda, expectante. “Será que...”

A porta foi corrida com um movimento brusco e o interior do vagão foi invadido por luzes fortes, encandeando os deportados, habituados à escuridão.

“*Raus!*”, berrou um homem em alemão. “Fora! Toda a gente para fora!”

“*Schnell! Schnell!*”, ordenou outro. “Depressa! Depressa! Toca a sair! Depressa!”

Os cães ladravam furiosamente e os Levin sentiram o espaço em torno deles esvaziar-se no meio de grande alvoroço; as pessoas saíam já. Ouviam-se ordens em alemão e sons secos por entre os gritos. No meio daquela orgia confusa de luz e sombras aperceberam-se de vultos que sovavam os deportados quando estes abandonavam o vagão.

“*Schnell! Schnell!*”

Os homens que batiam eram soldados SS e davam à esquerda e à direita com bastões, atingindo indiscriminadamente velhos, homens, mulheres e crianças. Alguns riam-se até. Ali não havia lei, ou se havia era a lei ditada por homens a quem tudo era permitido. Os cães ladravam, os velhos caíam em resultado das pancadas, as crianças berravam assustadas; o caos havia-se instalado, nascido do nada. Embasbacado com tamanha confusão, Levin ficou por momentos paralisado, sem perceber o que se passava, sem saber como proceder, sem entender o lugar em que desembarcavam, até que a sua vez chegou e, pegando nas malas e protegendo a mulher e o filho com os braços, dirigiu-se à abertura do vagão para sair o mais depressa possível, pois enquanto havia muita gente as hipóteses de escaparem aos bastões eram maiores.

“*Raus, Juden! Raus!*”

Um bastão atingiu-o no ombro enquanto protegia Peter; gemeu de dor mas não se deteve e avançou até saltar para o exterior. Sentiu o ar gelado esbofetear-lhe a cara e envolver-lhe o corpo e um estranho cheiro a queimado entrou-lhe pelas narinas. Haviam desaguado na plataforma de uma estação de comboios e os deportados, assustados e confusos, meio cegos com toda aquela luz e sem compreenderem o que se passava no meio de tanta confusão, acotovelavam-se ao longo do

espaço como gado encurralado. À sua volta caíam levemente flocos, como penas a oscilarem no ar; dir-se-ia neve prateada. Observou-a com estupefação até perceber que não era neve mas cinzas.

“Larguem as malas!”, ordenou um SS. “Mais depressa! Larguem as malas e formem em fila. Toda a gente, filas de cinco! *Schnell! Schnell!*”

Vendo a cada dez metros soldados SS aos berros ou a olhá-los com cães furiosos seguros pelas trelas, e desorientados com os focos de luz num espaço que não reconheciam, os deportados obedeciam num silêncio intimidado; comportavam-se como um rebanho. As malas foram depositadas na margem da plataforma até formarem um verdadeiro monte, a que os Levin juntaram as deles. O casal não sabia como as recuperaria, ninguém lhes deu nenhum recibo ou talão, mas nem Levin nem Gerda se atreveram a exprimir a dúvida porque os cães e os bastões mostravam-lhes o que sucederia se questionassem as ordens.

“*Los! Los!*”, insistiu um SS que passava por eles a balouçar ameaçadoramente o bastão. “Vamos lá! *Los!*”

Ao depositar as malas que trazia de Theresienstadt, Levin apercebeu-se de que as bagagens dos recém-chegados eram carregadas para carroças por homens de cabelo rapado à escovinha e fardas às riscas cinzento-azuladas, como pijamas, com estrelas amarelas de seis pontas ao peito. A maior parte destes prisioneiros judeus caminhava em silêncio, mas ouviu alguns trocarem palavras e compreendeu que falavam polaco. Embora não soubesse a língua, tinha esperança de que compreendessem checo, por se tratar de línguas eslavas com afinidades, pelo que arriscou uma pergunta.

“Onde estamos?”

O homem hesitou antes de responder, e quando o fez foi num sussurro disfarçado.

“*Oświęcim*.”

O recém-chegado nunca tinha ouvido falar em tal lugar, duvidou até que tivesse ouvido bem, mas não insistiu; pareceu-lhe arriscado. Fosse onde fosse aquele sítio estranho, parecia claro que se encontravam algures na Polónia e que haviam atingido o destino final da viagem. Obedecendo às ordens dos SS, alinhou-se na plataforma junto à mulher e ao filho e, apesar de assustado, procurou tranquilizá-los.

“Chegámos”, murmurou para Gerda. “Ao menos a viagem acabou. Qualquer coisa é melhor do que o comboio.”

A mulher não respondeu, tão apavorada se sentia. Levin também nada mais disse, pois havia o elevado risco de ser escutado pelos SS que os rodeavam. Com os olhos já habituados à luz, perscrutou o espaço para tentar apreender o máximo de informação. A noite cercava-os com o seu manto opaco e viu filas de luzes cintilantes, lâmpadas penduradas em arame farpado e em colunas inclinadas de cimento até formarem vastos perímetros em retângulo que se estendiam por quilómetros e quilómetros, mais torres de vigilância com holofotes a passearem os seus focos sobre filas sucessivas de barracões de madeira dentro dos retângulos. Apercebeu-se do perfil de uma torre e para lá dela uma chama altíssima lambia a noite. Era uma chaminé e estava ativa.

“Toda a gente alinhada!”, berrava ainda um SS. “*Los! Vamos lá! Todos alinhados! Schnell! Schnell!*”

Olhou para o oficial alemão que dava ordens aos recém-chegados e mesmo ao lado dele viu o nome da estação escrito numa tabuleta, já não *Oświęcim* em polaco, o nome que o prisioneiro lhe soprara momentos antes, mas o equivalente em alemão.

Auschwitz.

Excerto do Capítulo XII (parte I)

A casota de madeira tinha rés do chão e primeiro andar, com janelas a espreitarem no telhado de colmo. A meio erguia-se uma chaminé de onde serpenteava um fio esbranquiçado de fumo; dir-se-ia um estábulo adaptado a *dacha*. Por trás estendia-se a mancha verde do bosque de Sablino.

“É isto”, anunciou o sargento Gómez. “O Rolf disse-me que a casa estava no fim do trilho, à entrada do bosque. Dá a impressão que chegámos.”

Abeiraram-se com cautela, pois apesar de estarem a sul de Krasny Bor, um setor controlado pelos alemães, nunca se sabia o que podiam encontrar. Quando se preparavam para bater à porta viram aparecer uma rapariga, pequena e bolachuda, o cabelo loiro apanhado num rabo-de-cavalo na nuca. Trazia nos braços um alguidar de roupa molhada, aparentemente acabada de lavar. A russa estacou, alerta e apreensiva com a presença junto de casa de soldados com farda alemã, e estudou-os com olhos irrequietos.

“*Guten Morgen.*”

Dera os bons dias em alemão, num tom prudente e expectante. Em resposta, os três homens da Divisão Azul tiraram os capacetes e sorriram, esforçando-se por lhe mostrar que vinham com intenções amigáveis.

“*Ich will Mädchen*”, disse o sargento Gómez no seu alemão macarrónico. “*Verstehen?*”

Ao ouvi-lo dizer que queria raparigas, a russa pareceu descontrair-se.

“*Ach so*”, anuiu. Apontou para eles. “*Deutsch?*”

“*Nyet*”, respondeu o espanhol, desta feita num russo hesitante, negando ser alemão. “*Spanski.*”

“*Portugalski*”, apressou-se Francisco a esclarecer, pois nessas coisas não gostava de equívocos. “*Ja portugalski.*”

Dessa vez foi Gómez que apontou para ela.

“*Du bist Tsukanova?*”

A rapariga sorriu.

“Olga Tsukanova”, apresentou-se, fazendo-lhes sinal de que a seguissem. “*Kommt ihr.*”

Abriu a porta e com o dedo deu indicação aos soldados de que tirassem os sapatos. Os homens obedeceram e, já de meias, entraram atrás dela. O interior da *dacha* parecia acolhedor, embora escuro. Sempre a segui-la, foram levados para uma sala aquecida por uma lareira. O soalho escuro estava coberto por tapetes e as paredes eram constituídas por troncos de madeira horizontais. As mesas, tal como as cadeiras, também eram de madeira e estavam cobertas por rendas brancas com motivos elaborados.

Ela apontou para as cadeiras.

“*Setzt.*”

Os soldados sentaram-se, pousando os capacetes no soalho, e viram-na dirigir-se a um corredor.

“Margarita!”, chamou Olga, que já desaparecera no interior da casa. “Margarita! *Gde te?*”

Os três ouviram uma voz feminina responder à distância e desencadeou-se uma conversa em russo algures no interior da *dacha*.

“O que nos disse ela?”, perguntou Juanito com malícia. “Sexo?”

“Hã?”

“Sim, *coño!* Ela disse-nos sexo.”

“Não, grande palerma”, riu-se Francisco. “*Setzt. Sentem-se.*”

Riram-se com o trocadilho em alemão, mas Gómez fez-lhes sinal de que se calassem e apontou para o corredor onde Olga tinha desaparecido. De lá ouviam-se as vozes dela e da

tal Margarita. Ainda tentaram entender o que diziam, mas as paredes abafavam as palavras. Buscando a quentura do sol da manhã, Francisco encostou-se à janela e pelo canto do olho registou movimento no exterior. Ao espreitar para fora sentiu um baque no peito. Uma rapariga vestida de branco, com uma grande trança loira descaída sobre o ombro direito, estava sentada numa pedra, diante de um ribeiro tranquilo, aparentemente a cantarolar enquanto enrolava uma segunda trança. O português ficou um longo momento embasbacado com a visão. Nunca vira uma rapariga tão bonita. Dir-se-ia um anjo. Talvez fosse o loiro do cabelo, tão reluzente ao sol que parecia ouro puro, ou talvez fossem os gestos lânguidos e profundamente femininos. A verdade é que não conseguia tirar os olhos dela. Fitava-a alheio ao mundo e a tudo o resto, e só um encontro de Juanito o fez regressar à realidade.

“*Hombre*, elas vêm aí.”

Ouviram passos e Olga reapareceu na sala acompanhada por uma outra rapariga, esta de cabelo escuro, maior e com um certo ar avacalhado, as ancas largas e os peitos opulentos, lábios gordos e olhos castanhos.

“*Das ist meine Schwester Margarita*”, anunciou Olga num alemão que evidentemente resultava da prática com a soldadesca da Wehrmacht. “Esta é a minha irmã Margarita.”

As duas plantaram-se diante deles, como se se exibissem para serem escolhidas. Podiam ser irmãs, mas eram muito diferentes uma da outra. Uma pequena e loira, outra grande e morena. Sempre em alemão, Olga passou aos assuntos práticos.

“São três *Reichsmarken* por uma hora.”

“*Es ist teuer*”, queixou-se Francisco, o que melhor falava a língua alemã, graças às lições de Rolf em Dar Riffien. “É caro. Ganhamos mal e...”

“Podem pagar em géneros”, propôs ela. “Leite, carne, ovos...”

Os dois espanhóis esfregaram as mãos.

“Para de regatear, *caray*. *Vamonos* a elas!”

Vendo que os clientes aceitavam o preço, Olga fez um sinal para si própria e para a irmã.

“Somos duas e vocês três...”

Francisco indicou com o polegar a loira no exterior.

“E aquela?”

“Ela não faz isto”, apressou-se Olga a esclarecer. “Só nós as duas.”

“Pago cinco *Reichsmarken* por ela.”

“Não ouviste o que te disse? A menina lá fora não faz isto, nem por mil *Reichsmarken*.”

“Mas porquê?”

“Porque não, ora essa. É a nossa irmã mais nova e não a queremos metida nesta coisa. Ela não.”

O tom foi de tal modo perentório que o português não insistiu. As duas irmãs encaravam os três soldados à espera de uma decisão.

“Então?”, perguntou a outra irmã, Margarita. “Quem começa?”

Francisco fez um gesto displicente.

“Avancem vocês.”

Não teve de o dizer segunda vez. Juanito e Gómez levantaram-se de um salto e, por entre palmadinhas provocadoras no rabo das russas e risadas de excitação antecipada, enfiaram-se com elas pelo corredor, cada um agarrado à sua, ambos em direção ao paraíso que as duas lhes prometiam.

A rapariga sentada sobre a pedra já acabara de enrolar a segunda trança e inclinava-se para verificar o trabalho no seu reflexo nas águas límpidas do ribeiro enquanto ia trauteando uma melodia na moda.

*Rastsvetali iabloni i grushi
Poplyli tumany nad rekoj.
Vykhodila na bereg Katyusha,
Na vysokij bereg na...*

“Que linda música.”

Com um salto de susto, a rapariga voltou-se para trás de olhos arregalados e fitou o desconhecido com uma expressão amedrontada.

“*Moy Bog!*”

Francisco imobilizou-se, para não a assustar ainda mais, e questionou-a com voz suave.

“*Sprechen Sie Deutsch?*”

Ela levantou-se e manteve-se alerta, sem saber se deveria fugir ou ficar; a verdade é que, apesar da farda alemã e do corpanzil, o homem não lhe parecia ameaçador.

“*Jawohl*”, assentiu, dando-lhe uma oportunidade. “Falo um pouco alemão.”

“Desculpe tê-la assustado”, disse o português, ainda quieto para não a alarmar mais. “Ouvi-a cantar e não resisti. Que música é essa?”

A rapariga esboçou um leve sorriso.

“*Katyusha.*”

“É o seu nome?”

Ela corou.

“Não, não. É o nome da canção. *Katyusha*. É muito popular por toda a Rússia. Nunca ouviu?”

“Já ouvi, já. É sobre quê?”

“Uma rapariga chamada Katerina... quer dizer, Katyusha é uma maneira de dizer Katerina. Está apaixonada e passeia pelas margens de um rio a cantar sobre o amado e sobre as cartas dele. É muito bonita.”

O olhar do português desviou-se para o ribeiro.

“Um rio, uma rapariga a cantar... não me diga que a Katyusha é você e que está apaixonada.”

O rubor no rosto luminoso tornou-se mais forte.

“Tenho os meus sonhos, claro, mas... não, claro que não sou eu. Nem me chamo Katyusha. É apenas uma canção bonita, mais nada.”

“Uma canção bonita cantada por uma rapariga bonita. Uma coisa rara.” Inclinou-se para a frente. “Se não se chama Katyusha, como se chama?”

O olhar fugidio da russa escapou momentaneamente para a casa, como se a pergunta fosse intrusiva e ela tivesse dúvidas sobre a sensatez de dar mais confiança a um desconhecido, ainda por cima um soldado.

“Eu... acho que é melhor ir-me embora.”

Pegou num cesto que tinha no chão e, cheia de pressa, deu meia volta para se afastar rumo às traseiras da *dacha*.

“Espere!”

A rapariga continuou a caminhar no seu passo lesto.

“Tenho de ir.”

Antes que ela escapasse, Francisco deitou a mão aos bolsos, à procura de algo que lhe pudesse oferecer, e sentiu os dedos tocarem num pequeno saquinho. O café *Ersatz*. Tirou-o do bolso e exibiu-o.

“Gosta de café?”

A russa hesitou; era evidente que gostava de café, mesmo *Ersatz*, e sobretudo que tinha falta dele.

“As minhas irmãs disseram-me que não aceitasse nada dos soldados.”

Falava como se pedisse para ser convencida.

“Eu não lhes conto.”

Ela continuou hesitante.

“E... e o que quer em troca?”

“Nada”, foi a resposta pronta. “Achei maravilhoso vê-la a cantar e vim aqui. Ofereço-lhe o café como agradecimento por este momento.” Acenou com o saquinho na ponta dos dedos. “Tome.”

Com passos pequenos e vacilantes, sabendo que desobedecia às irmãs e receando estar a cometer um erro, aproximou-se dele e, com um gesto furtivo, pegou no café e de imediato recuou dois passos rápidos, como se se preparasse para correr. Ele permanecia imóvel.

“*Vielen Dank.*”

“Espere.”

“Tenho de ir.”

Francisco abeirou-se do ribeiro e apanhou uma flor branca que a água fresca lambia.

“Leve isto”, pediu. “É para se lembrar de mim.”

A russa voltou a aproximar-se. Pegou na flor que ele lhe estendia, desta feita sem medo, e cheirou-a. A seguir afastou-se em passo rápido para as traseiras da casa.

“Espere!”

Sem se deter, ela olhou para trás.

“O que é?”

“Não me disse o seu nome.”

A rapariga soltou uma gargalhada juvenil.

“Tanya”, revelou. “Tanusha.”

Disse-o como se cantasse, ou pelo menos foi o que pareceu a Francisco pois nunca um nome de mulher lhe parecera tão melodioso. Tanusha. Permaneceu ali pregado, derretido com a visão e com o diminutivo que se tornara uma nota musical, e observou-a a desaparecer atrás da *dacha*.

Ficou sozinho, entregue à emoção que a russinha lhe deixara. Dela só restava a fragrância de uma sensação. Suspirou, regres-

sando à realidade. Deitou um olhar às janelas da casa e depois ao relógio. A hora comprada pelos amigos estava a esgotar-se e deviam aparecer a qualquer momento. Encaminhou-se para o casinhoto em passo meditativo, a reproduzir mentalmente a conversa que acabara de ter com a rapariga, a rever-lhe os jeitos, a forma como o olhara, as palavras que dissera, a maneira como as dissera, os sorrisos e os rubores, e perguntou a si mesmo se teria verdadeiramente alguma hipótese. Abanou a cabeça. Claro que não. Como esperar que uma criatura assim lhe prestasse sequer atenção? Tinha de ser realista. Não era nenhum Ramon Navarro, o galã das fitas americanas.

Entrou na *dacha* desalentado, mas recompôs-se de imediato. Não era ele um legionário, caramba? Desde quando um legionário desistia antes de a batalha começar? Puxou pelo seu orgulho de homem da Legião. Podia morrer, mas não tinha o direito de desistir. Além do mais, tentar não custava. O pior que lhe poderia acontecer seria escutar um «não», como tantas vezes escutara da boca de tantas mulheres. Era verdade que nunca nenhuma lhe provocara um baque daqueles no coração, e não só por causa da beleza. Era a voz, a delicadeza, a maneira como o olhara e lhe sorria. Decerto que o fizera sem segunda intenção, mas jamais uma mulher bela o tinha olhado e sorrido. Ela fizera-o.

“*Hombre*, que queca de arromba!”

A voz de Juanito desfez-lhe os pensamentos. Levantou a cabeça e viu-o a aproximar-se ainda a abotoar as calças.

“Acabaste?”

“*Coño!* Ela é que ia acabando comigo! *Que mujer!* Esta Margarita é a maior vaca a norte dos Urais! Tem as mamas do tamanho da Monumental de Madrid.” Fez um gesto com o polegar, indicando-lhe o corredor. “É a tua vez. Ela está à tua espera. Olha que ainda é melhor que a Carmen, a boazona da

Calle de las Lobas. Quando estiveres a ordenhar aquelas tetas até vais chorar por mais, Paco. *Ay, madre mia.*”

Ainda uma hora antes Francisco mal se continha de excitação e, depois de ouvir uma coisa destas, teria certamente ido a correr e saltado para cima de Margarita como *El Toro* que era. Seria uma refrega e peras. A russa ficaria uma semana sem andar, tantas e tão boas lhe daria. Mas não naquele momento.

“Amanhã.”

Juanito arregalou os olhos.

“Estás *loco*? A gaja está à tua espera, Paco!”

“Vamos embora.”

O amigo manteve-se pregado ao chão, sem acreditar no que via.

“*Hombre, que pasa?* Sentes-te bem?”

Impaciente, a mente ainda em Tanusha e incapaz de se explicar perante o amigo ou sequer perante si próprio, Francisco abriu a porta e saiu.

Na véspera da segunda guerra mundial, Praga está rendida à magia do Grande Nivelli. No entanto, com a chegada dos alemães a vida do mágico judeu é destruída.

O português Francisco Latino sempre foi considerado um bruto, mesmo entre os mercenários da Legião Estrangeira. Quando a guerra o arrasta para o cerco de Leninegrado, a paixão por uma russa leva-o a alistar-se nas SS.

O destino do mágico judeu e do soldado português é o mesmo: Auschwitz-Birkenau. A magia do Grande Nivelli será chamada a desempenhar um papel central no mais terrível dos campos de morte.

Auschwitz como nunca foi contado

O Mágico de Auschwitz mostra-nos a Shoah como ela jamais foi mostrada. Baseando-se em acontecimentos verídicos e em personagens reais, José Rodrigues dos Santos leva-nos até ao coração das trevas e revela-nos episódios desconhecidos do Holocausto, incluindo o papel que o misticismo e o esoterismo desempenharam na Solução Final. Uma das mais importantes obras da literatura portuguesa contemporânea.

“Um dos pesos-pesados das letras lusófonas.”

Historia, França

Não perca a conclusão desta história apaixonante.



gradiva